



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Encontros e Desencontros Culturais na Migração Internacional:

Brasil-Japão

Lili Kawamura

Como citar: KAWAMURA, Lili. Encontros e Desencontros Culturais na Migração Internacional: Brasil-Japão. In: **TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C. BAENINGER, R. (org). Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras.** Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.347-365.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-267-3.p.347-365>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

ENCONTROS E DESENCONTROS CULTURAIIS NA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: BRASIL-JAPÃO¹

Lili Kawamura²

INTRODUÇÃO

A entrada no século 21 revelou elevada visibilidade da movimentação de pessoas, caracterizada como migrações nacionais e internacionais, crescentemente presentes nas agendas governamentais, por afetarem a governabilidade, principalmente dos lugares de destino. No caso da migração entre o Brasil e o Japão, após longos períodos de omissão governamental, foram cogitadas algumas medidas pontuais do governo japonês em regiões com alta incidência de brasileiros e medidas específicas do governo brasileiro, em situações críticas, como o acentuado retorno de migrantes ao Brasil.

¹ Texto baseado na Conferência de Abertura no I Seminário Migrações e Cultura, UNESP Marília, FFCL, 26-30 setembro 2011 e em livro da autora (em preparação).

² Socióloga (USP), Doutora em Sociologia (USP), Livre-Docente em Educação (UNICAMP) e Pós-Doutorado (Univ. Nagoya- Japão). Autora de livros e artigos sobre Migrações Internacionais: Brasil-Japão.

Atualmente, decorridos mais de 20 anos, a presença de brasileiros no Japão e o recente retorno significativo de migrantes ao Brasil destacam questões relativas não só ao mercado de trabalho, mas quanto à inserção e reinserção cultural nos espaços de destino e de partida, que afetam inclusive as relações de trabalho.

A cultura entendida, aqui, genericamente como “modos de pensar, sentir e agir”, que se especifica e diferencia conforme o âmbito da interação social (trabalho, vida cotidiana, escolar, lazer) e de classes sociais, não consiste apenas em uma abstração fixa no tempo e no espaço, mas em expressão histórica e social que move pessoas, grupos e multidões, inclusive os processos produzidos, em momentos de transformação histórica, na articulação de diferenças culturais que incluem os hibridismos culturais (BHABHA, 1998). Cultura é entendida no contexto histórico das relações sociais, modifica-se no transcorrer dos períodos históricos e se diferencia contraditoriamente conforme a posição social de classe dos agentes. Nesse enfoque, encontros e desencontros culturais expressam-se em níveis de profundidade variados e de formas contraditórias conforme a inserção social nos diferentes estratos e classes da sociedade. Nessa abordagem, os migrantes entram no país de destino levando um *background* cultural diferenciado, sem aquela equivocada homogeneidade esperada pelos empregadores japoneses, que consideram descendentes de imigrantes japoneses portadores dos padrões culturais nipônicos, mesmo que de segunda categoria.

Apesar da diversidade cultural nipo-brasileira há mais de um século no Brasil, esses grupos são ainda considerados “japoneses”, com base na ótica enviesada e simplista no senso comum dos brasileiros, sobre a identidade nipônica “homogeneizada” da população japonesa. O desconhecido é visto com a lente das ideias preconcebidas, passadas de gerações a gerações na população brasileira e latino-americana.

A entrada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil sofreu dificuldades pelas propostas do governo e da elite cafeeira em “branquear” a população, o que se acirrou com a II Guerra Mundial, quando o Japão foi visto como inimigo, por estar integrado ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão) (DEZEM, 2005). Por sua vez, o choque cultural e o isolamento social colocaram os imigrantes em situação defensiva em relação à população

local, que era vista, por aqueles, como *gaijin* (estrangeiro) e com as ideias preconcebidas que acompanhavam o termo.

A diversificação da vivência dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, por um século, na perspectiva de crescente ocidentalização cultural, teve uma revirada com a busca de trabalhadores descendentes de japoneses por empresários do Japão, com implicações sociais, culturais e econômicas para esses migrantes e seu entorno no Japão e no Brasil.

Ao migrarem para o Japão com o propósito primeiro de entrada no mercado de trabalho, os trabalhadores nipo-brasileiros levam consigo um *background* cultural da vivência no Brasil, bem diferente dos padrões culturais do Japão moderno, o que interfere profundamente na vivência no país de destino, nas diferentes áreas de inserção social. Com isso, deseja-se ressaltar a importância da instância cultural nas transformações do movimento migratório internacional, em particular, entre o Brasil e o Japão.

Neste estudo, pretende-se discorrer sobre as mudanças culturais no processo migratório considerando o *background* cultural dos migrantes, as formas de inserção cultural na sociedade de destino, as redes culturais que (des)conectam os envolvidos na migração, a ideia de transitoriedade na migração e as perspectivas culturais no processo migratório.

***BACKGROUND* CULTURAL**

Embora os brasileiros tenham migrado para o Japão tendo em vista o mercado de trabalho, levam consigo um *background* cultural da vivência no Brasil bem diferente dos padrões culturais do Japão moderno, que interferem constantemente na vivência no país de destino, nas diferentes áreas de inserção social.

A herança cultural da população migrante *nikkey* (descendentes de japoneses nascidos fora do Japão) expressa uma dupla influência cultural: na convivência com familiares ou vizinhos imigrantes japoneses e no processo de formação cultural dentro da sociedade brasileira. A variedade cultural dos imigrantes e a diferenciação na inserção social no Brasil

resultaram formas culturais diversas na própria população *nikkey*, vistas como homogêneas por outros grupos de brasileiros, também de diferentes origens étnicas e culturais. O acentuado fenótipo asiático, principalmente quando os imigrantes japoneses e seus descendentes viviam em grupos “fechados”, com a intenção de voltar ao país de origem, provocou preconceitos e discriminações agravadas pelo histórico fechamento da sociedade brasileira em relação aos povos “coloridos”, que poderiam manchar o propósito de branqueamento da população (DEZEM, 2005). Essa especificidade na formação cultural dos *nikkey*, aliada ao fenótipo asiático, levou à discriminação por brasileiros de outras origens, que os consideravam “japoneses”, no sentido de “outros”, “diferentes” e *outsiders* da sociedade brasileira, até recentemente, principalmente em regiões com pouca incidência de descendentes de japoneses, o que dificultou o processo de integração e assimilação de vários grupos na sociedade abrangente. De sua parte, os tradicionais imigrantes japoneses, vivendo em núcleos próprios, situavam os brasileiros e outros imigrantes (italianos, alemães, portugueses) como *gaijin* (estrangeiro), no país onde efetivamente eles eram estrangeiros. São significativas as associações, ocorrendo por meio de clubes e outras entidades criadas por imigrantes e descendentes para as diversas atividades esportivas, culturais e de lazer, onde, no passado, dificilmente, eram admitidos brasileiros de outras origens (CARDOSO, 1959). Contudo, as gerações mais jovens de descendentes de imigrantes japoneses apresentaram maior propensão a integrarem-se na sociedade brasileira, distanciando-se dos padrões culturais dos ancestrais, embora também formassem grupos com códigos e condutas próprias igualmente a outros grupos jovens em torno de interesses específicos, como as “tribos” de *cosplay*, times de judô e beisebol.

A imagem de país avançado e moderno, enquanto segunda potência mundial - posição hoje ocupada pela China - e associada às novas tecnologias, possibilitou uma reavaliação pelas sociedades ocidentais sobre a importância econômica e tecnológica da sociedade japonesa. Hoje, a crescente influência dos padrões organizacionais no mundo empresarial e da cultura *pop* (*mangás*, *animes*, música), aparelhos e brinquedos tecnológicos sobre a mídia, crianças e jovens do mundo, vem redirecionando essa população brasileira para valores, princípios, comportamentos e atitudes neles embutidos, diminuindo, nesse

aspecto, a diferenciação cultural entre os jovens nipo-brasileiros e os não descendentes (LUYTEN, 2005; SATO, 2007).

Contudo as influências da tradicional cultura trazida por imigrantes ao Brasil (também ao Peru e, em menor escala, para Bolívia e Argentina) atingiram a população *nikkey* de modo diferenciado, conforme o local (rural/urbano; metrópole/cidades interioranas; núcleos de concentração da população *nikkey*) e de acordo com a posição econômico-social no país de destino. Além disso, a própria cultura tradicional já vinha ao Brasil de forma variada conforme a região de procedência no Japão. Evidentemente, os princípios, valores, festividades e o idioma dos imigrantes nipônicos tinham a mesma base histórica, com influências confucianas ou religiosas (budista, shintoísta, messiânica, etc.); o que variava era a *força* da manutenção da tradição na família, comunidade e outros grupos associativos e a forma de inserção dos descendentes na sociedade brasileira (PEREIRA, 1992).

Preservar a cultura japonesa era fundamental para os imigrantes à medida que acalentavam o objetivo do retorno. O desejo de educar os filhos nos costumes e valores trazidos do Japão tradicional foi arrefecendo-se conforme as condições sociais e políticas colocavam obstáculos ao desenvolvimento de atividades da tradição nipônica (HANDA, 1980; BASSANEZZI, 1995). A política de formação cultural nacionalista para o Brasil, sob os governos de Getúlio Vargas, ao proibir atividades específicas de estrangeiros em sentido inverso no país, reorientou a formação de considerável proporção dos descendentes de japoneses no Brasil para sua inserção na cultura nacional, como ocorria com imigrantes de outras origens. Essa situação compulsória de inserção exclusivamente na cultura local veio reformular a ideia do retorno ao país do sol nascente influenciando na permanência no país, o que se acentuou com a II Guerra Mundial (KODAMA; SAKURAI, 2008).

Dentre as várias estratégias de fixação no Brasil, destaca-se a busca por formação universitária para os filhos e netos, facilitada pela expansão do ensino superior a partir dos anos 1960. O interesse por conceituadas universidades, levando jovens nipo-brasileiros a migrarem para as grandes cidades, acelera a diferenciação entre a formação cultural dos *nikkey*, que, ao mergulharem na cultura universitária, recebem novas influências

culturais metropolitanas. Os que permanecem em seus núcleos nas cidades interioranas e até mesmo na zona rural mantêm uma forte influência da tradicional cultura japonesa trazida pelos imigrantes. Uma importante estratégia de disseminação da tradicional cultura dos imigrantes foi a expansão de associações culturais e esportivas, escolas de língua japonesa e de artes marciais em cidades, onde se concentram os nipo-brasileiros, mostrando a preocupação pela permanência da cultura tradicional e das relações com o Japão, presente nas comemorações das tradicionais festividades do país de origem (CARDOSO, 1973). Por sua vez, é cada vez mais visível a miscigenação e suas consequências culturais.

No contexto de vivência simultânea numa cultura específica e na cultura da sociedade abrangente, os grupos minoritários manifestam características culturais variadas, conforme a intensidade e a natureza de sua imersão em ambas as culturas e sua posição econômico-social. A própria posição econômica e tecnológica destacada do Japão no cenário internacional, bem como a difusão da moderna cultura *pop* nipônica em várias regiões do mundo, expressa uma influência valorizada que se estende aos brasileiros descendentes de outras nacionalidades. A complexidade das relações entre esses grupos minoritários e a população abrangente faz emergirem novas relações fluídas e flexíveis, bem diferentes das relações definidas e controladas predominantes nos padrões da tradicional cultura japonesa. Nesse sentido, pode-se apontar que os descendentes dos imigrantes nipônicos se apresentam hoje imbuídos de diferentes formas culturais que se alteram continuamente com a maior ou menor imersão na cultura abrangente e global.

MUDANÇAS SOCIAIS E NOVAS FORMAS CULTURAIS

É necessário entender as mudanças culturais desde o início do processo migratório (final dos anos 1980) até hoje, associadas aos diferentes grupos de migrantes, sejam os japoneses retornados, os seus filhos (*nissei*), os netos (*sansei*), os mestiços, os cônjuges não descendentes e os filhos nascidos e/ou educados no Japão. Essa variedade manifesta também uma diversidade cultural dentre os grupos e de acordo com o período da migração, contrariando a equivocada visão do governo e

empresários japoneses de que os *nikkey* seriam uma “réplica” provinciana dos nipônicos do Japão.

A maioria dos trabalhadores destinava-se a laborar em fábricas e ocupar postos de trabalhos pesados, sujos e perigosos (3Ks), funções rejeitadas por trabalhadores japoneses. Independentemente de sua situação escolar e profissional anterior, no Brasil, os trabalhadores nipo-brasileiros situavam-se na mesma condição social, isto é, nos estratos inferiores da sociedade nipônica. A diversidade cultural dos migrantes foi substituída por uma aparente homogeneização com base na natureza do trabalho, em funções desqualificadas, identidade assumida pelos próprios migrantes.

No entanto a expressão do complexo *background* cultural dos brasileiros no Japão, apesar do acentuado controle social da sociedade local, teve consequências conflituosas em vista da acentuada divergência entre comportamentos, condutas e valores de ambas as culturas no processo de trabalho, na vida cotidiana, nas escolas e em situações de lazer. Grupos locais diretamente ligados aos migrantes utilizavam formas de controle persuasivas, além da força, buscando premiar os que adotavam as regras, condutas e valores da atual sociedade japonesa, no sentido de valorizar a “japonização” dos estrangeiros e, em consequência, punir ou ignorar os “dissidentes”, principalmente com a ocorrência de implicações nos espaços da população local. Por exemplo, o costume de jovens brasileiros de conversar em grupos, em voz alta, nas esquinas ou ouvir música em volume alto até tarde da noite, era visto como “arruaça” pelo entorno japonês, que acionava a polícia. As diferenças de olhar sobre a mesma situação, em vista do desconhecimento mútuo dos códigos culturais, provocam desentendimentos, desencontros e conflitos (KAWAMURA, 2003).

As dificuldades na comunicação entre migrantes e japoneses acentuam-se com o desconhecimento do idioma e dos códigos culturais do Japão atual. Aspectos da cultura e da língua, herdados de seus antecessores no Brasil (Peru ou outro país latino-americano), não são suficientes para a interação com o entorno nipônico. Além disso, o histórico isolamento cultural do Japão em relação ao Ocidente e a posição social ocupada pelos migrantes nipo-brasileiros nos escalões mais baixos da sociedade vêm reforçar o distanciamento entre ambos os grupos.

Mudanças nas condições de expressão cultural dos migrantes no Japão decorrem das novas condições de trabalho e de vivência como o crescimento do mercado de consumo de brasileiros que possibilita a expansão de proprietários de empresas comerciais e de serviços voltados especificamente para os patrícios (restaurantes, bares, açougues, cabeleireiros, serviços de viagens, de mudanças), chegando a constituírem *shopping centers*, que se instalam em diferentes regiões com alta densidade de brasileiros.

O desenvolvimento de atividades voltadas ao mercado brasileiro e latino-americano no Japão, em áreas de concentração de migrantes brasileiros, e a constituição de espaços próprios de vivência definem um local de interação social entre si, sem a interferência da sociedade mais ampla, com relativa liberdade para expressões através dos códigos e valores trazidos do país de origem, sem sofrer sanções morais e até policiais ocorridas anteriormente nos ambientes dos moradores locais. Ao se constituírem em infraestrutura material, social e cultural, os espaços brasileiros significam local de segurança, comunicabilidade, solidariedade, competitividade e conflitos entre os migrantes. O autoconfinamento dos migrantes permite reforçar a interação entre os pares e fortalecer os códigos culturais próprios, o que possibilita atenuar desavenças entre migrantes e a população local à medida que as manifestações de comportamento e atitudes dos migrantes permanecem confinadas aos núcleos de vivência dos migrantes brasileiros. Assim, se de um lado, os espaços próprios possibilitam maior interação entre os migrantes, recriando seus valores, condutas, comportamentos e festas folclóricas brasileiras; por outro lado, fortalecem o hiato entre estes núcleos e o entorno japonês.

A parte empresarial e privilegiada dos brasileiros, embora reduzida, vem apresentando visibilidade crescente, principalmente por empregar seus patrícios e também japoneses, bem como transformar pequenos estabelecimentos tradicionais japoneses em pequenas empresas prestadoras de serviços técnicos ao mercado latino-americano no Japão. Esse segmento passa a obter poder econômico, social e cultural na condição de comerciantes, pequenos industriais, serviços profissionais, de educação e comunicação, assim, possibilitando adotar estilos de vida mais sofisticados, usufruindo bens materiais e culturais, diversão e

escolarização fora do alcance da maioria dos migrantes. Dentre a maioria de trabalhadores braçais, em serviços rejeitados pelos nativos, aumenta a proporção de desempregados, subempregados, sem documentos e os denominados *homeless* (sem casa) vivendo embaixo de pontes, em veículos e casas de amigos. Esses migrantes, crianças e jovens excluídos das escolas e vivendo nas ruas compõem a parcela marginalizada dos migrantes. A desigualdade que se instala dentre os migrantes estabelece uma diferença quanto ao acesso aos aparatos materiais e culturais, escolas privadas brasileiras e estilos de vida. Ideias, valores e comportamentos diversos entre ambos os grupos afetam diferentemente a organização e funcionamento familiar, educação dos filhos, conduta perante o trabalho e a sociedade (KAWAMURA, 2003).

De modo geral, as influências recebidas pelos migrantes na interação, muitas vezes, compulsória com a população local, nos espaços japoneses de trabalho, escola, consumo e lazer são filtradas pela ótica cultural própria (brasileira, peruana, boliviana ou argentina) e amalgamadas aos padrões culturais trazidos de seus países de origem, dessa maneira, recriando, no Japão, novas formas culturais que passam a se incorporar no cotidiano dos migrantes. As expressões miscigenadas na postura corporal, na linguagem, na música e na culinária atualizam-se continuamente, conforme ocorram mudanças nas condições de trabalho e vivência, evidentemente de modo diferenciado entre os grupos privilegiados e os excluídos. A afirmação da identidade na migração busca ainda a valorização exagerada de aspectos culturais considerados específicos ao país de origem, como o carnaval, a feijoada, o samba, a bossa nova e o futebol no Brasil, mesmo que não estivessem na prática usual dos migrantes, anteriormente, em sua terra natal. Estes últimos elementos constituem também parte das novas formas culturais conforme se adaptam às novas condições de tempo e espaço.

As novas formas culturais podem compreender elementos culturais trazidos do país de origem e reeditados com influências do atual contexto social e cultural no Japão. Desse modo, não se constituem em uma réplica da cultura brasileira nem uma reedição da cultura japonesa. Os novos códigos culturais passam a fazer parte do senso comum dos migrantes e são disseminados para os vários núcleos de brasileiros no Japão

e destes para os grupos conectados no Brasil. Essa especificidade cultural ao facilitar a comunicabilidade entre os próprios migrantes pode trazer um distanciamento entre estes e o entorno local, bem como entre eles e a sociedade brasileira, onde podem sentir-se “estrangeiros”, em seu retorno.

REDES SOCIAIS E CULTURAIS

A expansão do mercado voltado para os migrantes reflete a necessidade de conexões entre os diversos espaços brasileiros espalhados pelo Japão, formando redes sociais e culturais através das quais se movimentam mercadorias, serviços e pessoas. A formação de redes (CASTELLS, 2008) atende aos interesses econômicos, sociais, culturais e emocionais dos núcleos de migrantes e se estende ao Brasil com o intuito de criar canais para fomento ou mercado consumidor de bens materiais ou culturais e serviços. As redes formais criadas ou reorientadas especificamente para os fins e interesses da migração (econômicos, escolares, midiáticos e turísticos), ao lado das tradicionais redes informais baseadas nas relações familiares e de amizade, compõem as redes migratórias (KAWAMURA, 2003; 2011). Estas redes compreendem, portanto, as conexões entre grupos sociais formados por migrantes e grupos sociais novos ou reorganizados com fins voltados às atividades dos migrantes. O caráter flexível, dinâmico e provisório das redes sociais e culturais, principalmente em razão das crises pelas quais passa o Japão, em decorrência de terremotos, ‘*tsunamis*’ e problemas econômicos, expressa-se no desaparecimento e surgimento de novas conexões, além de funções complementares alheias aos migrantes.

Desde o início da migração, as redes informais (famílias, amigos e vizinhanças) foram importantes na estratégia migratória (SASAKI, 2003), especialmente, entre os países de origem e o Japão, além de incipientes redes formais, como empreiteiras, denominadas “*broka*” (*broker*), para serviços de recrutamento, seleção e intermediação de trabalhadores nos países fornecedores de mão de obra. Internamente, os vínculos entre os grupos migrantes eram feitos por vendedores ambulantes de produtos, ONGs, grupos religiosos, alguns poucos bancos oficiais e órgãos oficiais de representação diplomática, que foram gradativamente substituídos por casas comerciais, empresas de serviços técnicos e *shopping centers* brasileiros.

As atuais redes formais acompanham as atividades comerciais, produtivas, de assistência técnica (técnicos de manutenção de equipamentos de informática), programas escolares, turismo e transporte e redes de comunicação (jornais, revistas, TV e *internet*), conectando entre si os mercados dispersos de migrantes no Japão e os que se estendem para o Brasil e outros países. Constituem redes de empreendimentos de dimensões variadas, muitas delas terceirizadas, que conectam empreendimentos entre dois ou mais lugares, complementando suas funções reciprocamente, como aquisição de produtos, equipamentos e matérias-primas para produtos e serviços de comunicação, informática e educação.

As dificuldades de inserção dos filhos de migrantes no sistema escolar japonês, voltado exclusivamente para a educação japonesa, abriram espaço para a instalação de escolas brasileiras em locais de alta concentração de brasileiros. Da mesma forma que a escola japonesa não se encontra ainda preparada para a escolarização de estrangeiros à medida que busca a “japonização” dos estudantes, reforçada pela própria formação nacionalista do corpo docente e diretivo, a escola brasileira segue basicamente o sistema de ensino do Brasil, dificultando a inserção das crianças e dos jovens na sociedade japonesa, em particular para prosseguir os estudos no sistema educacional local.

A formação ministrada por escolas brasileiras, além do alto custo para os migrantes brasileiros, orienta-se quase exclusivamente para a vivência no Brasil, embora haja uma grande diferença entre as escolas, seja na dimensão, na organização, no conteúdo e no corpo docente. A instalação de filiais de grandes empresas educacionais, em fins dos anos 1990, deu maior visibilidade à educação brasileira no Japão. Estas escolas foram favorecidas pela mudança da legislação educacional brasileira em 1995, que passou a permitir uma ampla flexibilidade de decisões no processo escolar, o que possibilitou aos estudantes maiores facilidades para obter a convalidação, junto às autoridades brasileiras, da escolarização realizada nessas escolas (UDEMO, 1997).

Apesar do baixo custo das escolas nipônicas, o desafio das regras disciplinares, o conteúdo ministrado exclusivamente na língua local e os desencontros culturais entre estudantes migrantes e os alunos japoneses dificultavam a adequada inserção escolar dos estudantes brasileiros,

peruanos e outros latino-americanos. Medidas paliativas foram adotadas, desde o início da presença significativa de crianças e jovens migrantes em escolas locais, como identificar os setores da escola, contratar intérpretes como mediadores entre os alunos, a escola e os pais, até que os estudantes pudessem inserir-se adequadamente no sistema de ensino japonês. Atualmente, o governo local busca “treinar” docentes em escolas com presença elevada de brasileiros e peruanos, enviando-os inclusive para estágios no Brasil.

A diversificação escolar brasileira no Japão passa a exigir material didático, recursos materiais e docentes qualificados, levando à formação de filiais de apoio e fornecedores de material didático e profissionais no Brasil. As filiais e as matrizes das empresas escolares, em conexão com as escolas brasileiras no Japão, formam redes para desenvolver atividades didáticas e pedagógicas, interação potencializada pelas novas tecnologias, especialmente *internet*. No entanto, as dificuldades de capacitação de professores e demais profissionais de educação, dificilmente, serão sanadas apenas com a instalação de redes educacionais, sem a busca de novos conteúdos para a formação de crianças e jovens vivendo simultaneamente em duas ou mais culturas (KAWAMURA, 1998).

De modo diferente do passado, quando os migrantes viviam isolados uns dos outros e com dificuldades de interagir com os familiares no Brasil, hoje, as facilidades de comunicação e acesso às informações sobre o país de origem e o mundo, disponibilizadas pela *internet*, TV e outros meios midiáticos, permitem aos migrantes informar-se, pelo menos, sobre as mudanças em seu país e no Japão. Na atualidade, dois conhecidos periódicos brasileiros têm de disputar o mercado com as novas formas de comunicação e informação, principalmente *internet*, além do fato de os jornais e revistas continuamente serem substituídos por novas publicações locais com conteúdos ligados à publicidade ou notícias específicas aos migrantes (FERREIRA, 2008).

Atualmente, *internet* e TV (noticiário, novelas, dramas e *shows*) constituem os principais meios de informação e formação cultural dos migrantes brasileiros, ao lado das escolas, no caso das crianças e jovens. Diversamente do passado, a possibilidade de acessar meios de comunicação no idioma e nos padrões culturais conhecidos dá aos brasileiros a ideia

e o sentimento de viverem em um âmbito familiarizado, conhecido e seguro, utilizando-se de códigos usuais dentro do entorno estrangeiro e desconhecido. Em momentos críticos e emergenciais, como na ocorrência do tsunâmi, os migrantes têm recorrido aos meios tecnológicos de comunicação, em particular *internet*, para auxiliar nas buscas de migrantes desaparecidos e informar os familiares a respeito. Os acontecimentos mundiais estão ao alcance, principalmente dos jovens migrantes, através da *internet*, como ocorre em todo o mundo, inclusive na organização de movimentos sociais, como na “Primavera Árabe”, movimentos sociais em países europeus e nos Estados Unidos.

Usualmente, os imigrantes latino-americanos dependem fortemente dos laços familiares, religiosos e de amizade, particularmente, em momentos críticos da vivência. Famílias, amigos e vizinhos são considerados importante suporte de assistência mútua em casos de necessidade financeira, de moradia, de procura de emprego, enfermidade, atenção aos dependentes e apoio psicológico/emocional (GALIMBERTTI, 2002). Nessas relações, tem se destacado o papel das mulheres no cuidado dos interesses dos migrantes em ambos os países.

Principalmente no início da migração, foi fundamental o papel das redes informais, apesar de sua reduzida visibilidade, através das famílias, amigos e vizinhos na (sobre)vivência e definição de estratégias migratórias e familiares, no sentido de “administrar” a educação dos filhos e bens deixados no país de origem. Desse modo, o desmembramento familiar passa a exigir negociações para a reorganização dos papéis sociais de cada membro, contrariando inclusive os costumes tradicionalmente adotados, trazendo ainda problemas psicológicos, sociais e culturais. Segundo os valores tradicionais trazidos pelos imigrantes japoneses, os filhos, particularmente, o mais velho (*chonon*), teriam a obrigação de cuidar dos pais em idade avançada; no entanto, com a migração, vem ocorrendo o contrário, os avós cuidam dos netos e bens deixados pelos filhos migrantes. Portanto, as redes informais conectam famílias espacialmente separadas entre o país de origem e o de destino, reformulando suas funções e posições na interação social. A função de suporte das redes informais ocorre também nas várias regiões do Japão, especialmente em momentos de crise por desemprego,

depressão, solidão e outras enfermidades, além do papel de promover eventos e festividades relativos à cultura valorizada pelos migrantes.

Cabe destacar que as condições da nova vida na migração colocam situações que alteram o caráter de família e os valores a ela associados, decorrentes da ausência dos filhos, da vida estressante e cheia de desafios para enfrentar as novas situações e cobranças em uma cultura muito diferente. Separações de casais, formação de novos pares, vivência solitária, filhos nascidos no Japão, filhos formados na cultura japonesa desde tenra idade, crianças e jovens fora da escola, às vezes, integrando gangues, etc. indicam novas formas de organização familiar, que se distanciam da família tradicionalmente valorizada por seus ancestrais imigrantes e pelo senso comum no Brasil (TANAKA, 2008). Essas mudanças influem na formação de redes informais que passam a se constituir sob novas formas culturais, em vista dos desafios postos por essas e outras questões de (sobre) vivência dos migrantes.

PERMANÊNCIA E MOVIMENTO: IDEIA DE TRANSITORIEDADE

Desde o início da migração, os brasileiros recrutados para trabalhar no mercado japonês foram formalmente empregados como trabalhadores temporários, o que significa tanto para o país receptor quanto ao fornecedor da mão de obra, uma vivência transitória enquanto migrante internacional. A ideia de vivência provisória fica claramente definida nas perspectivas da vida migrante (SAYAD, 2000).

A experiência no trabalho, na vida cotidiana ou na escola está pautada pela temporalidade da vivência dos migrantes no Japão, conquanto, em função da necessidade empresarial, a renovação do trabalho temporário apresenta perspectivas de permanência. No entanto, em períodos críticos e catastróficos para o Japão, os primeiros trabalhadores a serem retirados do processo de trabalho são os migrantes, o que reforça a ideia de transitoriedade.

Todavia a formação de núcleos brasileiros constituindo-se em infraestrutura que facilita a vivência cotidiana, com disponibilidade de produtos, serviços de informação e comunicação, escolas, restaurantes, bares, diversão e *shopping centers* brasileiros, onde os migrantes podem

expressar-se através de padrões culturais próprios, favorecem a permanência no país de destino. O desenvolvimento de redes migratórias entre os espaços brasileiros e os grupos nos países de origem, bem como as articulações entre os núcleos espalhados no Japão, possibilitam um intenso movimento ao lado de uma solidificação dos núcleos e as condições de permanência. A paradoxal dinâmica do movimento e permanência desestrutura e reestrutura vivências, relações familiares, vínculos de amizade e de vizinhança, criando novas formas de pensar, sentir e agir, com base nas influências recebidas do entorno japonês.

As novas formas culturais adotadas pelos migrantes, mediante a miscigenação de aspectos da cultura local com os padrões trazidos de sua terra de origem, não fazem parte nem da cultura local nem da cultura do país de origem, dando aos seus portadores uma especificidade na formação cultural, que poderia facilitar sua inserção em ambas as sociedades (CANCLINI, 1998). Mesmo as festas folclóricas que identificam o Brasil internacionalmente são adaptadas conforme as condições propícias localmente dadas. Muitas vezes, os migrantes recriam festas folclóricas, carnaval e culinária que não faziam parte de seu dia a dia no Brasil, demonstrando a necessidade de se sentirem incluídos na cultura de seu país de origem, por eles valorizada à distância, em busca de uma identidade própria em uma terra estranha. Contudo esses novos elementos podem distanciar os migrantes do país de destino, onde são ainda considerados “estranhos”, bem como do país de origem, onde os próprios migrantes retornados sentem o estranhamento e desenraizamento, levando à sensação de temporalidade para o próprio país de origem.

Embora cada vez mais pessoas incorporem aspectos da cultura global disseminados no mundo, através da mídia, *internet* e outros meios internacionais de comunicação e informação (LATOUCHE, 1994; MATTELARD, 1994; CHESNEAUX, 1995; LYOTARD, s/d) com a possibilidade de comunicar-se em linguagem e estilos de vida comuns, ao transitar na cultura global em hotéis multinacionais, *shopping centers*, *megashows* e *disneyworlds* (FEATHERSTONE, 1995), ainda, grande parte da população vive sob relações e valores tradicionais e nacionalistas, recebidos por meio de escolas, família e religião (OKAMOTO, 1992).

Entrevistas realizadas com moradores japoneses³ em *Oizumi* e *Hamamatsu*, cidades com alta incidência de brasileiros, revelam desconhecimento e desinteresse pelos vizinhos brasileiros, considerando-os grupos exóticos, perigosos e transitórios. Além do estranhamento em relação aos núcleos migrantes, também a população local expressa a ideia da transitoriedade dos grupos latino-americanos, fato que dificulta mais ainda a aproximação entre ambos os grupos.

Os espaços tipicamente brasileiros foram se estreitando, com um fortalecimento da interação com os patrícios no Japão e no Brasil, mas com reduzidos vínculos com o entorno nipônico, acentuando mais ainda o hiato entre os núcleos imigrantes e a sociedade nipônica. Em épocas de profundas crises como a atual, há um dinamismo maior na interação espacial dos migrantes entre os vários núcleos de brasileiros espalhados pelo Japão, conexão que se estende ao Brasil e outros países asiáticos, para onde se dirigem os brasileiros em busca de novas oportunidades de trabalho, principalmente considerando-se a migração de empresas japonesas para os países vizinhos, com vistas a diminuir custos. Essa dinâmica reforça os vínculos em redes migratórias que, por sua vez, fortalecem o papel dos núcleos de migrantes enquanto “porto seguro” para os “navegantes” e, especialmente, para os “náufragos”, levando paradoxalmente ao aumento do movimento para fora desses espaços migrantes, no sentido de “ir e vir”, sem, no entanto, significar a extinção dos mesmos.

Além da atração pela infraestrutura brasileira, o crescente número de filhos nascidos e/ou educados no Japão, imbuídos da cultura nipônica e distantes do modo de vida no Brasil, condições favoráveis de trabalho e dificuldades de reinserção econômica e cultural no país de origem, levam grupos de migrantes a optarem pela permanência no país de destino. Mesmo as dificuldades pelas quais passa o Japão, pela crise econômica e tsunami, os migrantes latino-americanos que retornam em massa para seus países buscam o retorno ao Japão, a despeito do interesse deste país em sua saída, dificultando o retorno com exigências severas de qualificação e de conhecimento do idioma.

³ Entrevistas realizadas em cidades com concentração de brasileiros no Japão, em pesquisa junto à Universidade de Tsukuba, Japão, como professora-visitante no Master Program in Latin American Studies, 1997-2000 e entrevistas realizadas em Projeto sobre Redes Sociais e Culturais de Migrantes Brasileiros na Rota Brasil-Japão, apoio Fundação Japão, 2001.

A instabilidade da vivência entre os países envolvidos na migração reacende a postura que continuamente vem acompanhando os migrantes, adotando a ideia de transitoriedade que caracteriza o processo migratório. Grande parte dos migrantes adota a ideia de “estar em trânsito” em sua vivência como migrante no Japão e tende a idealizar a volta para o Brasil, onde seus problemas, ansiedades, objetivos e sonhos poderiam ser concretizados. Essa ideia de transitoriedade persiste, ao adiar para um futuro “próximo”, os propósitos e as atividades considerados importantes, mas não prementes, como a educação dos filhos, a formação cultural, a qualidade de vida e a busca de algo subjetivo como “ser feliz”. Como afirma o filósofo francês Luc Ferry⁴, no mundo de hoje, há uma tendência das pessoas, em vista da valorização do planejamento racional com vistas a fins, viverem recordando o “passado” e planejando o “futuro”. No entanto, ambos os momentos não existem no presente. Na migração, “ir e vir” significa viver em trânsito e simultaneamente em dois ou mais lugares, isto é, “estar e não estar” no espaço e no tempo presente. O modo de viver dos migrantes parece orientar-se por uma visão transitória do trabalho, em geral, temporário e precário, das relações familiares e de amizade, em constante desarticulação e rearticulação em novas formas e pelo desejo de retorno ao país de origem. A ânsia por “juntar dinheiro”, em determinado tempo, no país de destino, para ter uma “vida feliz” em seu país de origem, direciona parte dos migrantes a concentrar-se no trabalho em detrimento da vida social, cultural e psicológica, o que pode gerar consequências prejudiciais, em particular aos filhos. Por sua vez, a disposição de querer aproveitar, ao máximo, o tempo no Japão, para consumir e divertir-se antes do retorno ao Brasil, manifesta também a ideia da transitoriedade de sua vivência atual, deixando para o futuro qualquer plano de longo e médio prazo. Em uma ou outra situação, a ideia de transitoriedade, temporalidade e adiamento dos objetivos, sonhos e qualidade de vida em “um outro lugar” está presente no imaginário da maioria dos migrantes, constituindo-se em parte intrínseca do processo migratório. Essa perspectiva é condizente com a vivência no mundo de hoje, onde as relações sociais, os objetivos, as condutas e os valores acompanham a dinâmica acelerada das transformações das condições de existência e se torna fácil destacar ou

⁴ Palestra no dia 28 setembro de 2011, na Casa São Paulo, S. Paulo, Fronteiras do Pensamento.

deletar aqueles vínculos e propósitos em um mundo no qual o descartável adquire crescente força (BAUMAN, 2011).

O almejado retorno ao país de origem pode dissipar os sonhos e as lembranças saudosas dos migrantes em face da realidade “presente”, em que as alegrias da volta e o reencontro com familiares e amigos mesclam-se com a dura realidade da busca de alternativas de vivência. Os objetivos, sonhos e atividades não realizáveis no retorno passam a ser novamente adiados para uma possível volta ao Japão, lugar que passa a ser idealizado como possibilidade alternativa de vida para a realização de seus propósitos não realizados no Brasil. Também no país de origem, a ideia de temporalidade está presente, levando o migrante a viver concomitantemente em dois mundos, esperando realizar seus sonhos e objetivos importantes em “outro e não neste lugar”.

REFERÊNCIAS

- BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: Um Panorama Histórico. In: PATARRA, Neide Lopes (Org.) *Emigração e Imigração Internacional no Brasil Contemporâneo*. Campinas: FNUAP, 1995. p. 1-38.
- BAUMAN, Z. *CPFL Cultural e Fronteiras do Pensamento*. Leeds, Inglaterra: 23 de julho de 2011. Entrevista Exclusiva Concedida à Equipe da CPFL Cultura e Fronteiras do Pensamento. (vídeo).
- BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Trad. de M. Àvila, E. L. de Lima Reis e G. R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CARDOSO, R. C. L. O Papel das Associações Juvenis na Aculturação dos Japoneses. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (Orgs.). *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Edusp 1973. p. 317-345.
- CASTELLS, M. *A sociedade em Rede: a era da Informação, Economia, Sociedade e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- CHESNEAUX, J. *Modernidade-Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DEZEM, R. *Matizes do “Amarelo”*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. Trad. de J. A. Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FERREIRA, A. S. *Jornalismo Brasileiro do Outro Lado do Mundo*. 2008. 127fls. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - USP, ECA, São Paulo, 2008.
- GALIMBERTTI, P. *O Caminho que o Dekassegui Sonhou*. São Paulo/Londrina: EDUC/FAPESP/UDEL, 2002.

- HANDA, T. *Memórias de um Imigrante Japonês no Brasil*. Trad. de A. Nojiri, T. A. Queiroz. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1980.
- KAWAMURA, L. A formação do Professor no Japão: Questões Atuais. 2.ed. In: GOERGEN, Pedro; SAVIANI, Demerval. (Orgs.). *A Formação de Professores: A Experiência Internacional sob o Olhar Brasileiro*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- _____. *Para onde vão os Brasileiros?* 2.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- _____. Redes, Sociales y Culturales de Migrantes Brasileños en la Ruta Brasil-Japón: Movimiento y Permanencia. In: YAMADA, M. (Org.). *Emigración Latinoamericana: Comparación Interregional entre America del Norte, Europa y Japón*. Osaka: The Japan Center for Area Studies (JCAS)/National Museum of Ethnology, 2003. p.407-420.
- _____. Cambios en la Reciente Migración de Brasileños a Japón: Redes Sociales y Culturales. In: XIII CONGRESO INTERNACIONAL DE ALADAA. Bogotá: ALADAA, 23, 24 y 25 marzo de 2011.
- KODAMA, K.; SAKURAI, C. Episódios da Imigração: Um Balanço de 100 anos. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda P. (Orgs.). *Resistência e Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. p.17-29.
- LATOUCHE, S. *A Ocidentalização do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LUYTEN, S.B (Org.). *Cultura Pop Japonesa*. São Paulo: Hedra, 2005.
- LYOTARD, J.F. *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva, [s/d].
- MATTELART, A. *Comunicação Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- OKAMOTO, K. *Education of the Rising Sun: An Introduction to Education in Japan*. Tokyo: Sun Printing, 1992.
- PEREIRA, R. A. *Possessão por Espírito e Inovação Cultural*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/Massao Ohno, 1992.
- SASAKI, E. M. Redes Sociales de Migrantes Brasileños Descendientes de Japoneses de Maringá para Japón. In: YAMADA, M. (Org.). *Emigración Latinoamericana en Comparación Interregional entre America del Norte, Europa y Japón*. Osaka, The Japan Center for Area Studies (JCAS)/National Museum of Ethnology, 2003. p.421-453.
- SATO, C. A. *O Poder da Cultura Pop Japonesa*. São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.
- SAYAD, A. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Revista do Migrante*, CEM, Ano XIII, número especial, p.3-32, jan. 2000.
- TANAKA, A. C. Divórcio dos Brasileiros no Japão. In: HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs.). *Cem Anos da Imigração Japonesa*. São Paulo: UNESP, 2008. p.125-136.
- UDEMO. *Lei nº. 9394/96*. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. São Paulo: UDEMO, 1997.